

Misérias em *Vidas Secas*

Lizandro Carlos Calegari[©]

Abstract*

This work aims to analyze, in a general way, some features considered relevant in Vidas Secas – a Brazilian novel written by Graciliano Ramos. Two aspects were selected in order to make this study: the first one is about the way the novelist deals with the tragic drought the northeast Brazilian regions have been facing up through many years; the second one is about the authoritarianism and exploration suffered by Fabiano – the main character in the novel. These aspects constitute the synthesis of the adversities faced by this character and his family in the novel.

Firstly, one will analyze some aspects about the author. Secondly, one will make an approach on the 30s novel in a synthetic way. At last, one will analyze the novel dealing with the chosen aspects.

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar, de maneira geral, algumas características marcantes acerca da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Dois aspectos foram selecionados neste estudo: o primeiro é em relação ao tratamento dado pelo escritor à trágica seca que a região nordeste brasileira vem enfrentando ao longo de muitos anos; e o segundo diz respeito à exploração sofrida por Fabiano – personagem central da obra. Esses aspectos constituem a síntese das adversidades enfrentadas por esse personagem e sua família ao longo do romance.

Inicialmente, serão analisados alguns

aspectos do escritor. Em seguida, será feita uma abordagem, ainda que sucinta, sobre o romance de 30. Por fim, será analisada a obra tratando dos aspectos escolhidos.

2. O autor

A vida de Graciliano Ramos destaca-se pelo fato de o autor ter estado presente em diversos momentos turbulentos da história brasileira.

Ramos nasceu em Quebrângulo (Alagoas), em 1892 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1953. Pertencia a uma família de classe média e tinha quatorze irmãos. Viveu durante muito tempo nos sertões do Nordeste, que conheceu profundamente, tendo sido prefeito da cidade alagoana de Palmeira dos Índios, onde o pai trabalhava como comerciante. Em 1914, foi revisor do *Correio da Manhã* e de *A Tarde* em Rio de Janeiro. Transferiu-se posteriormente para Maceió onde exerceu o cargo de diretor da Imprensa e Instrução do Estado. Nesse período, estréia na literatura como o romance *Caetés* (1933). Observa-se ainda seu encontro com escritores da vanguarda nordestina: Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado, Waldemar Cavalcanti. Nesta época, redige *São Bernardo* e *Angústia*.

Em março de 1936, foi preso como comunista. Passou por diversos presídios e foi submetido a todo tipo de humilhação. Sem provas formais de acusação, foi libertado em janeiro do ano seguinte. Dessa dolorosa fase de sua vida, resultou a obra *Memórias do Cárcere*, um impressionante depoimento que abordou a realidade brasileira relacionada com o comunismo e o depoimento exato do sofrimento dos prisioneiros políticos.

Em 1945, ingressou no Partido Comunista Brasileiro, tendo então viajado para a Rússia – experiência que relata em *Viagem*. Ramos, porém,

* Aluno do 5º semestre do Curso de Letras (UFSM), participante do Projeto Integrado Literatura e Autoritarismo, sob orientação do Prof. Dr. Jaime Girzburg.

escreveu não apenas romances, mas também contos e livros para a infância.

Este romancista tornou-se, ao longo de sua vida, um homem amargo, pessimista, franco e rude. É considerado um dos maiores escritores modernos e seus romances tidos como de tensão crítica, isto é, o herói opõe-se e resiste ao meio natural e ao social, meios que o ferem e o marcam de modo irreversível.

Como um dos representantes da Segunda Fase do Modernismo Brasileiro, seus romances têm como principais temas: a seca do Nordeste brasileiro, o cangaço, a morte, as angústias sociais, o misticismo, os códigos primitivos de honra, a constante luta pela sobrevivência, sem deixar de lado aspectos psicológicos das personagens.

Suas obras já foram traduzidas para o espanhol, o francês, o italiano, o inglês, o alemão, o húngaro, o russo, o tcheco, o polonês, o finlandês. As obras *Vidas Secas* e *São Bernardo* possuem versão cinematográfica de Nelson Pereira dos Santos (1964) e Leon Hirszman (1972), respectivamente.

Dentre as obras já citadas acima, pode-se ainda destacar *Angústia*, *Brandão entre o Mar e o Amor*, *Histórias de Alexandre*, *Infância*, *Dois Dedos*, *Histórias Incompletas*, *Insônia*, *Histórias Verdadeiras*, *Histórias do Agreste*, *Viventes de Alagoas*, *Alexandre e Outros Heróis*, *Linhas Tortas*.

3. A prosa da segunda fase do Modernismo: O romance de 30

Concluída a Primeira Fase do Modernismo, que teve seu início assinalado em 1922 com a Semana de Arte Moderna e que constitui um período de definições de tendência e comportamento tão bem quanto dos rumos da literatura modernista brasileira, surge a Segunda Fase do Modernismo. Com o término da Primeira Fase em 1930, essa Segunda Fase surge com propostas inovadoras. Com isso, a literatura adquire novas tendências e os escritores desta época (Jorge Amado, José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Dionélio Machado, Érico Veríssimo) revelam através de suas obras uma grande preocupação com os problemas sociais de seu tempo.

Tem-se por marco inicial da produção de 30, o romance *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida.

Seguindo os pensamentos de Alfredo Bosi, tem-se que a eclosão desta Segunda Fase se deu em virtude de acontecimentos históricos vigentes nesta época. Assim, o tenentismo liberal, a política getuliana, as oligarquias regionais vieram ao encontro do agravamento dos problemas humanos:

Essa compreensão vital dos velhos e novos problemas estaria reservada aos escritores que amadureceram depois de 1930: Graciliano Ramos, José Lins Rego, Carlos Drummond de Andrade... O Modernismo foi para eles uma porta aberta: só que o caminho já era outro.¹

Esses escritores apresentam estilos ficcionais que se caracterizam pela aspereza e uma retomada dos aspectos realistas. O objetivo então é denunciar a realidade corrompida e degradada que se formou e que vai de encontro às intenções e desejos da sociedade.

O romance, nessa fase, desenvolveu-se em várias direções: romance intimista e psicológico, romance de temática sócio-urbana e romance social nordestino ou regionalista. Esse último foi o de maior destaque, pois segue uma linha neo-realista cuja intenção principal foi denunciar os problemas econômicos do Nordeste, o drama dos retirantes e a exploração do povo num sistema social injusto, como será analisado em *Vidas Secas*.

É no romance de 30 que se encontra a grande produção literária desse período. Sendo que a maioria dos romances provém do nordeste, dá-se o nome de Romance Nordestino de 30.

Além do mais, Bosi classifica a obra *Vidas Secas* como um romance de tensão crítica. Neste nível,

servem para revelar as graves lesões que a vida em sociedade produz no tecido da pessoa humana (...). (...) as figuras são tratadas em seu novo dinâmico com a paisagem e a realidade socioeconômica²

A partir da análise da obra *Vidas Secas*, poder-se-á ter uma noção mais concreta desse

¹ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 1994, p. 384

² *idem*, p. 393.

movimento.

4. A obra

4.1 A estiagem e suas vítimas

O título da obra – *Vidas Secas* – antecipa o tema abordado por ela. Não se pode, entretanto, explorar o significado do adjetivo exposto no título, *Secas*, apenas numa perspectiva denotativa. Isso se deve ao fato de a linguagem, muitas vezes, desafiar o leitor a captar o sentido que o texto adquire diante a determinadas intenções e situações. Sendo assim, o termo *Secas* implica uma atmosfera metafórica cujo significado remete não apenas à miséria econômica advinda da estiagem da região nordestina, mas também cultural.

Partindo de uma abordagem socioeconômica, sabe-se que, atualmente, em todas nações do mundo, é possível que se encontrem crises de ordem política, social, econômica, etc. Em algumas regiões, porém, os problemas se apresentam de forma mais grave e consistente. Diante desses aspectos, indubitavelmente, o Brasil não constitui exceção.

Em virtude do quadro problemático e crítico que a população brasileira enfrenta, surgem as migrações que, para os retirantes, constituem esperanças para melhorarem de vida. E, como consequência da crise econômica, o deslocamento de contingentes humanos ocorre geralmente em direção àquelas áreas onde o sistema produtivo concentra maiores ou melhores oportunidades de emprego. Isso induz os emigrantes a pensarem que melhorarão de vida – o que geralmente não acontece. Além do mais, não se pode desconsiderar o fato de a região Nordeste brasileira constituir a principal área de refluxo das pessoas nas migrações internas do país.

Mesmo durante o deslocamento das pessoas que se lançam a essa aventura, despontam dificuldades. A fome, o cansaço, a desilusão, a perda, quase na maioria das vezes se fazem presentes. A luta pela sobrevivência passa a ser um objetivo cujos esforços, em grande parte, são insuportados.

A obra *Vidas Secas* retrata objetivamente a retirada de uma família de

nordestinos composta pelos personagens Fabiano, sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia, oriundos de uma região castigada pela fome e pela miséria. Essa obra, embora se refira a problemas sociais do nordeste brasileiro, apresenta uma visão crítica das relações humanas que a torna universal. A vida da família do retirante é vista sem horizontes, sem grandes ambições e explorada por outros homens, marcando, desta forma, um futuro incerto.

Segundo Bosi,

O núcleo do autor de Vidas Secas norteou-se por um coerente sentimento de rejeição que advirá do contato do homem com a natureza ou com o próximo.¹

Nota-se nas obras de Ramos a preocupação com o homem, suas angústias e dramas, independentes de época e lugar. Além do mais, seus personagens estão inseridos num contexto sócio-político que muitas vezes acameta o drama e a miséria humana. Essa miséria, entretanto, não é justificada a partir de deficiência de fatores naturais. Bonfim assim vê o Brasil:

Semente de energia, terra sã e moça, condições propícias deram para um Brasil que pôde ser a primeira nacionalidade americana a manifestar-se.²

Não se pode deixar de ressaltar que o sonho e a ambição de muitos cidadãos brasileiros são simples, não acarretando desestrutura na formação do país. Exemplo disso é o desejo que a personagem sinhá Vitória almeja:

Sinhá Vitória desejava uma cama real, de couro e sucupira, igual à de seu Tomás da bolandeira. (p. 46)

Embora se admitam numerosas causas para as migrações, religiosas, psicológicas, sociais, econômicas, políticas e até naturais, a principal é a econômica. A partir do momento em que o capitalismo se torna o sistema econômico mundial predominante, os outros motivos das migrações vão tendo cada vez menos importância, e as necessidades da economia passam a ser o essencial.

Desta forma, entre as causas principais da pobreza no nordeste brasileiro não está somente a

¹ *Ibidem*, p. 402

² BOMFIM, Manoel. *O Brasil nação: realidade da soberania nacional*. 1996, p. 350

seca, mas também a injusta realidade social. Embora destituídas de fundamento, essas idéias foram muito difundidas, de tal modo que ainda hoje muitas pessoas acreditam que o clima seja a causa determinante de numerosos acontecimentos sociais. Assim, talvez, a maioria das pessoas pense que a pobreza da maior parte dos habitantes nordestinos seja devido às secas. Na verdade, a pobreza da maioria dos nordestinos deve-se à estrutura social vigente, em que somente alguns – os latifundiários – possuem recursos técnicos e financeiros para se prevenirem contra a seca com a construção de barragens, poços, açudes.

É isso que de certa forma Ramos critica. A família de Fabiano, que representa a população rural, é formada por pequenos agricultores. Esses, sem recursos técnicos e financeiros, sobrevivem na dependência direta das escassas chuvas com as quais conseguem obter suas minguadas colheitas. Nessas condições, quando não ocorrem as esperadas chuvas, instala-se a seca, obrigando-os a abandonar suas terras.

Assim, as periódicas secas no Nordeste servem para desnudar a injusta realidade social na qual reside a causa fundamental da pobreza na região. Além do mais, numerosos outros exemplos poderiam ser citados para demonstrar que o clima não constitui a causa única dos problemas sociais e econômicos.

A partir do fragmento abaixo, será feita uma análise do tratamento dado pelo narrador em relação aos personagens, ao espaço e ao tempo, expondo a situação na qual Fabiano e sua família se encontram durante a retirada da fazenda em que estavam até então:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredia bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala. (p. 09)

Alguns elementos tais como personagem, espaço e tempo serão ressaltados a partir da análise deste primeiro

parágrafo do romance.

O primeiro aspecto é em relação aos personagens. Reuter afirma que estes seres que povoam o drama têm

um papel essencial na organização das histórias. Elas determinam as ações, vivenciam-nas e dão sentido a elas. De uma certa maneira, toda história é história das personagens.⁷

Neste primeiro parágrafo, o narrador não faz citação nominal das personagens. E mais, durante todo o romance, não é possível identificar o sobrenome da família, o que a torna insignificante na representação da sociedade. Porém, aqui, o narrador refere-se aos personagens com o auxílio do termo os *infelizes*. Além disso, o narrador os descreve como *cansados e famintos*. São estes personagens, segundo Reuter, que organizam a estória; juntamente com o ambiente no qual estão inseridos, constituem o foco de análise de Graciliano Ramos. Não se deve, entretanto, desconsiderar o fato de que os enredos deste último autor nascem do nexo entre os personagens, a paisagem, além da realidade sócio-econômica.

O segundo aspecto é em relação ao espaço. Para Reuter os lugares do romance e suas descrições remetem a um “saber cultural recuperável fora do romance”. Além do mais, segundo este autor

Os lugares do romance podem “ancorar” a narrativa no real, dar a impressão que eles o “refletem”.⁸

Neste parágrafo introdutório, têm-se algumas referências a descrição do espaço onde as ações se desenvolvem, ou seja, descrição de alguns aspectos do Nordeste brasileiro. A primeira referência é apresentada no primeiro período do romance. A expressão *planície avermelhada*, que representa a terra seca, improdutível e rústica, opõe-se a manchas verdes. Porém, como se pode observar, o narrador visa enfatizar o problema da estiagem do local. A expressão *areia do rio seco* reforça a idéia estabelecida no primeiro período. Tem-se ainda, nesta expressão, a oposição estabelecida entre as palavras *seco* e *rio*. A estiagem, conseqüência da escassez de água, implica a paisagem da flora que se apresenta deficiente, conforme está descrito no

⁷ REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. 1996, p. 54

⁸ Idem, p. 59

último período deste parágrafo. Pode-se então, a partir desses dados, formar uma imagem do cenário onde se desenrolam os acontecimentos. Diante disso, Bosi afirma que

a natureza interessa ao romancista só enquanto propõe o momento da realidade hostil a que a personagem responderá como (...) retirante em Vidas Secas.⁷

O terceiro aspecto é em relação ao tempo. Nesse fragmento, o tempo privilegiado é o passado. A importância reside no fato de, segundo Reuter,

seja para o interesse do público (...), seja para dizer alguma coisa, de maneira indireta, sobre o presente.⁸

O que nos interessa, porém, aqui é a segunda finalidade. Da análise da conjugação dos verbos, nota-se que o narrador usou tanto o pretérito imperfeito (como em *alargavam, estavam, andavam, fazia, procuravam*) quanto o pretérito perfeito (em *apareceu*) e mais-que-perfeito (*progridira*). O particípio passado, na expressão *estavam cansados e famintos*, foi usado para fazer uma descrição.

Algumas expressões temporais, neste fragmento, intensificam as ações verbais que representam as ações das personagens. É o caso das expressões *dia inteiro, pouco, bastante, fazia horas* que intensificam, respectivamente, os verbos *caminhar, andar, repousar e procurar*. Conclui-se então que as personagens enfrentam um intenso martírio durante a procura de um lugar para se instalarem novamente.

O fragmento a seguir expõe o drama dos personagens diante do sofrimento que começam a enfrentar:

Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. (p. 11)

A partir deste fragmento, serão feitas algumas considerações. A primeira diz respeito à relevância do termo selecionado pelo narrador a fim de se referir aos retirantes: *viventes*. A relevância da carga semântica representada por este vocábulo implica o sucesso pela sobrevivência por parte dos personagens, uma vez que, na situação em que se encontram, o ambiente natural reflete um lugar inapropriado para sobreviverem adequadamente. Destaca-se então uma das características marcantes da obra de Graciliano Ramos: a adversidade do meio e os problemas do homem hostilizado pelo ambiente.

A segunda observação refere-se ao termo *areia do rio*. Tem-se nesta expressão uma relação que se estabelece entre um termo possuído e um termo possuidor. O substantivo *areia* designa o elemento possuído em relação a *rio*, que constitui o elemento possuidor. Logo a expressão *areia* implicitamente refere-se à *seca*, à *estiagem*, e à *escassez de água* que o rio enfrenta. E é devido à iminência dessas secas e sem apoio social que os emigrantes decidem partir sertão afora. Conseqüentemente, estão expostos a qualquer tipo de sofrimento.

Outra observação diz respeito à morte que começa a se aflorar. A morte do papagaio antecipa a idéia de fragilidade e tendência à morte dos retirantes. O problema reside na escassez de comida resultando na fome que essas subfiguras humanas, vítimas do fatalismo irredutível da região Nordeste das secas, enfrentam.

Acuada pela fome, pela seca, pela miséria, a família de nordestinos é obrigada a abandonar seu espaço. A solução para o problema da seca e, conseqüentemente, para melhorarem de vida seria, no momento, a chuva. Ao se instalarem na nova fazenda, Fabiano e sinhá Vitória sonham com a chuva cuja reduzida precipitação constitui uma das adversidades naturais do Sertão, mas que solucionaria, aparentemente, o problema da miséria. Na passagem a seguir, nota-se a importância que o vaqueiro atribui à chuva:

Olhou o céu de novo. Os cirros acumulavam-se, a lua surgia, grande e branca. Certamente ia chover. (p. 15)

O hábito de olhar para o céu para prever o fenômeno da chuva expõe a situação angustiante e de expectativa por parte do personagem. Fabiano, porém, não questiona o porquê de a ajuda não provir do governo. Mansueto Lavr de destaca que

A seca merece um tratamento mais profundo do que permanecer na filosofia de que é

⁷ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 1914, p. 402

⁸ REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. 1991, p. 61

preciso oferecer água porque a região é seca. Trata-se, portanto, de um problema político.”

O romance de 30 também possui tendências realistas. Além do mais, pode ser chamado de Neo-Realista, porque além de apresentar uma visão crítica entre as classes que estruturam a sociedade do nordeste, expõe objetivamente o drama do homem.

Observe-se o fragmento abaixo que descreve a atitude de sinhá Vitória diante a cachorra Baleia que traz um preá que servira para ela e sua família saciarem a desesperadora situação de falta de alimentos:

lan-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. (...) Sinhá Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo. (p. 14)

Nesse fragmento, assim como em outros existentes na obra *Vidas Secas*, o narrador pretende não simplesmente informar sobre um fato. Pretende, acima de tudo, fazer o leitor refletir sobre um tema que revela um aspecto trágico de nossa realidade: a atitude descontrolada da personagem sinhá Vitória devido à fome gerada pelo desequilíbrio social tanto criticado por Graciliano Ramos.

A atitude de sinhá Vitória em beijar o focinho ensanguentado da cachorra Baleia foi apresentada objetivamente. O narrador procurou não idealizar este aspecto, e sim focar um ângulo de visão totalmente impessoal, renegando não apenas a fantasia mais ainda toda espécie de comoção sentimental.

Novamente, tem-se que enfatizar o fato de os personagens nesta obra serem determinadas pelo ambiente em que vivem e condicionadas a fatores naturais e a fatores sociais ou culturais. Além do mais, é importante ressaltar que o comportamento da personagem Vitória aproxima-se do comportamento animal, uma vez que é motivada pelo instinto.

O romance como um todo pretende apresentar situações como esta de modo a fazer o leitor refletir sobre as condições da realidade social de seu tempo.

O trecho a seguir também dá seqüência a esta análise:

Fabiano lá satirista. (...) Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. (...) Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camaímba escura, pareciam ratos – e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera. (p. 18)

Novos aspectos da realidade social começam a ser moldados. No fragmento acima, tem-se a ingestão de raízes como a forma de saciarem a fome. Além do mais, são comparados a ratos por estarem submetidos a condições subumanas. O adjetivo escura intensifica todo o aspecto de opressão, dor, marginalização ou sofrimento das personagens. Este aspecto constitui o Neo-realismo que é um novo modo de denunciar uma velha realidade: realidade de miséria, dor, humilhação, diferenças sociais, etc. Dessa forma o Regionalismo/Neo-realismo são tendências da Literatura em que os romancistas têm a preocupação com o caráter social.

A subnutrição, devido à falta de elementos indispensáveis à manutenção da vida, se configura na passagem da obra a qual mencionamos:

Passara dias sem comer, apertando o cinturão, encolhendo o estômago. (p. 24)

A análise deste período remete, de uma forma ou de outra, à fome e às suas conseqüências. As causas, numa análise mais profunda, são devido às profundas transformações sócio-econômicas do mundo contemporâneo em que atualmente se vive. É mais, isso exige do povo um certo esforço para acompanhar a nova realidade. Essa capacidade de adequação e compreensão é deficiente por parte da família de Fabiano que representa as famílias da nação brasileira sem lugar e espaço conquistados. O mais vergonhoso é que a quantidade de alimentos produzidos no mundo é suficiente para alimentar toda a sua população, inclusive sobra. Conclui-se, portanto, que a fome é muito mais decorrente de fatores políticos e econômicos do que propriamente da existência de condições naturais adversas ou da falta de alimentos.

Observe-se a passagem a seguir:

Agora se recordava da viagem que tinha feito pelo sertão a cair de fome. As pernas dos

* Apud VENANTTE, Lenita & MELLO, Rosana de. *Texto e Contextos: Língua e Literatura*. 1987, p. 121.

meninos eram finos como birlas (...).
Na beira do rio haviam comido o
papagaio, que não sabia falar.
Necessidade. (p. 36)

A consequência da estiagem, e logo do sofrimento dos emigrantes durante a retirada, está presente na consciência dos personagens tão bem quanto a maneira como se procedeu: a cair de fome. Não é difícil deduzir que o crescimento raquítico é causado por possíveis enfermidades, a partir da observação do aspecto físico de crianças debilitadas pela fome. O narrador, ao caracterizar as pernas dos meninos como finas, remonta uma das características que simboliza e representa as crianças do Sertão nordestino que estão submetidas às mesmas condições.

Tamanho era a fome que os emigrantes sentiram que o papagaio que não sabia falar, logo não tinha capacidade de se defender, foi a solução encontrada para sobreviverem. A última palavra surge como justificativa deles o terem matado, ou seja, "para sustento da família" (p. 43)

Ainda dentro desta perspectiva, observe como o narrador descreve o menino mais velho, a partir do próprio ponto de vista do menino:

Sentiu-se fraco e desamparado,
olhou os braços magros, os dedos
finos. (p. 61)

Nesta situação há possibilidade de o organismo estar debilitado pela fome, fragilizado. É como estar a um passo da morte. As maiores vítimas da fome são as crianças, desprotegidas e silenciosas. Elas sofrem devido aos desencontros, desacertos e incertezas criados no mundo dos adultos. As consequências da fome vão muito além dos descritos pelo narrador no período acima. Tem-se a morte prematura, o raquitismo, baixa estatura, baixo rendimento escolar, maior facilidade para contrair doenças infecciosas, baixa esperança de vida, etc.

Para o personagem central da obra *Vidas Secas* – Fabiano – a chuva constitui o fator determinante para conquistar uma vida melhor e superar suas dificuldades. O trecho abaixo selecionado apresenta o período das chuvas que anima o vaqueiro:

Dentro em pouco o despoisimo de água ia acabar, mas Fabiano não pensava no futuro. (...) E Fabiano esfregava as mãos. Não havia o perigo da seca imediata, que aterrorizava a família durante meses. (p. 65)

Tem-se que ressaltar que o homem é evidentemente subordinado às condições naturais. Os recursos oferecidos pela natureza constituem a base material da existência humana. Observa-se pelo fragmento que a distribuição das chuvas é bastante irregular em relação a determinadas épocas do ano, o que leva a acreditar que a fome no mundo seja causada por adversidades naturais, como secas e solos ruins. Não resta dúvida de que, em determinados períodos, uma seca prolongada pode acarretar graves consequências à produção agrícola ou à criação de gado, o que também agrava a situação de fome nessa área. Porém, a fome e a desnutrição não ocorrem somente nas áreas secas ou de solos pouco férteis ou ruins.

Para Fabiano, a época das chuvas seria essencial para que a miséria se ausentasse e a fartura tomasse seu lugar. O narrador vê as consequências favoráveis da chuva desta forma:

O pasto cresceria no campo, as árvores se enfeitariam, o gado multiplicaria.
Engordariam todos, ele Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra Baleia. (p. 67)

De modo geral, os pequenos proprietários rurais não dispõem de técnicas modernas de produção e muitas vezes toma-se insuficiente para atender às necessidades de uma família composta de um número equivalente ou semelhante a do vaqueiro Fabiano.

A fome é um dos problemas graves enfrentada não apenas por determinadas regiões brasileiras, mas também por muitos países subdesenvolvidos e se torna dramática por ocasião de adversidades como secas muito pronunciadas. Em virtude disso, as famílias sentem-se obrigadas a recorrer às mais diversas oportunidades que lhes são oferecidos para saciar esta deficiência alimentar. Observe-se a atitude tomada pela família do vaqueiro.

O mulungu do bebedouro cobria-se de
arribações. Mas sinal, provavelmente o sertão
ia pegar fogo. Vinham em bando,
arranchavam-se nas árvores da beira do
rio... O sol chupava os poços, e aquelas
encomungadas levavam o resto da água,
queriam matar o gado. (p. 108)

Às vezes, certos elementos naturais se contrapõem à harmonia da natureza ou contribuem

para intensificar as adversidades nela já existentes. Neste caso, a chegada das arribações, isto é, de aves nômades vai de encontro à situação calamitosa vigente. Além disso, antecipa uma nova e pronunciada estiagem, o consumo da água a qual se encontra escassa e a matança do gado agravaria o problema.

Se por um lado essas arribações representam aspectos negativos à população nordestina e especialmente à família do retirante, por outro lado elas são favoráveis visto que contribuem como fonte de alimento:

Tinha ali comida para dois ou três dias; se possuísse munição, teria comida para semanas e meses. (p.110).

Diante de todas as adversidades, Fabiano e sua família devem novamente abandonar a fazenda na qual se encontram até então e emigrar para uma nova terra. Além do mais, como já foi ressaltado, a região Nordeste brasileira constitui a principal área cuja migração é a mais intensa do país. Essa região passou a ser reconhecida como uma região-problema, área decadente que necessita de um planejamento governamental para que se desenvolva. O que se deveria objetivar é fazer com que todos os habitantes dos países subdesenvolvidos fizessem suas refeições diariamente, tivessem moradia, ensino, assistência médico-hospitalar, justas repartições de riquezas e, principalmente, confiança no futuro e tranquilidade no presente. Isso, parcialmente, resume-se na passagem a seguir:

Porque haveriam de ser desgraçados, fugindo no mato como bichos? Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias. Podiam viver escondidos, como bichos? Fabiano respondeu que não podiam. (p. 121)

As migrações internas sempre tiveram um papel saliente no processo de formação e povoamento do Brasil, uma vez que é notável a mobilidade da população brasileira. Conforme já foi salientado, essas mobilidades geralmente trazem consigo desgastes. Abaixo, tem-se a descrição do martírio que a família de Fabiano enfrenta novamente durante a retirada:

Foram descansar sob os garranchos de uma quixabeira, mastigaram punhados de farinha e pedaços de carne, beberam na cuita um gole de

água. Na testa de Fabiano o suor secava, misturando-se à poeira que enchia as rugas fundas, embebendo-se na corcoba do chapéu. (p. 123).

Com o decorrer de sua viagem, surgem as expectativas da nova vida que se remontaria pouco a pouco. Atente ao fragmento a seguir que destaca a incerteza do futuro da família:

Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida, Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. (p. 126).

Todo tipo de sofrimento aqui descrito é visto pelo narrador como uma ideologia, ou seja, o conjunto de idéias desenvolvidas pela camada dominante da população e é divulgada para a sociedade com a finalidade de encobrir ou distorcer a realidade, justificar as desigualdades e manter a dominação sobre os demais segmentos sociais. Observe

Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? (p. 96).

Para concluir essa parte do trabalho, foram selecionadas as palavras de Benjamin Abdala Jr.:

Para Craciliano, um final feliz seria uma solução falsa, posto que as soluções deveriam advir de uma transformação da sociedade. Caberia então ao leitor tomar consciência dos problemas que ele denunciava para poder dar sua contribuição. Os temas de Craciliano são rudes, dolorosos: (...) não encontraremos em suas obras um ambiente de festas e alegrias, mas fome, desespero e opressão.¹¹

4.2 A marginalização

Nesta segunda parte, tratar-se-á a passividade da camada marginalizada da população que também se apresenta nitidamente na obra *Vidas Secas*.

Essa característica da passividade é representada principalmente pelo personagem Fabiano que apresenta um comportamento submisso diante daqueles que detêm alguma parcela de poder, como é o caso do seu patrão Tomás da bolandeira ou o soldado amarelo. Bomfim, ao tentar justificar esse aspecto da passividade, submissão, cria uma analogia com um rebanho sugado por parasitas. Desta forma, critica a camada dominante:

¹¹ ABDALA JR. Benjamin. *O Romance Social Brasileiro*. 1993, p. 40

esse povo, que é a própria nação brasileira, tem sido, apenas, o manso e ignaro rebanho, desleitado e torquido, por três ou quatro milhares de politicantes, e as centenas de mil parasitas, senhores da produção, carrapatos sobre a distribuição da mesma produção.¹¹

Fabiano era acima de tudo submisso à autoridade, como é o caso do soldado amarelo que representa o governo corrupto da época. Fabiano, porém, sente-se consolado:

—Tenha paciência. Apanhar do governo não é desleito. (p. 33)

Infelizmente, conhece-se a realidade brasileira e sabe-se que, em alguns casos, ela é injusta com os justos. O homem é julgado pela aparência e não por suas atitudes. O narrador, diante disso, questiona o modo como Fabiano é tratado por aqueles que de uma forma ou de outra deveriam trazer harmonia e justiça à sociedade:

Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? (...) Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa? (p. 36)

Nota-se, sobretudo, na passagem acima, o autoritarismo político, isto é, o poder exercido rigidamente de cima para baixo com o uso de violência, em alguns casos. Os interesses das camadas populares são quase ignorados. Além do mais, o fato de as personagens (entre elas Fabiano) não serem instruídas implica muitas vezes delas não terem competência para nenhuma demanda social. E mais, sofrem preconceitos e se acham indefesas diante de determinadas situações. O fragmento abaixo comprova isso:

Nunca vi uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. (...) Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos. (p. 36)

Neste particular, José Antonio Segatto salienta o seguinte:

Há um certo consenso na historiografia segundo o qual o processo histórico brasileiro caracterizou-se por ter sido marcadamente excludente e autoritário.¹²

Graciliano Ramos expõe a opressão do Estado sobre o ser social que, de uma forma geral, apresenta-se inerte, abandonado e desprotegido. Fabiano, ao procurar uma égua na catinga, encontra-se com o soldado amarelo que "o levava à cadeia, onde agüentara uma surra e passara a noite" (p. 99). Além disso, "Lembrou-se da surra que levava e da noite passada na cadeia" (p. 101). Ao ver o sertanejo e reconhecê-lo, o soldado amarelo receia da atitude que Fabiano tomaria com relação a ele:

O soldado encolhia-se, escondia-se por detrás da árvore. (p.101).

O soldado, porém, reagiu. Pelo fato de estar perdido, pede informações a Fabiano a respeito do caminho, e ele lhe concede este favor:

- Governo é governo.

Tiro o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo (p.107).

Segundo a análise de Segatto,

A reação de Fabiano - um simples vaqueiro retirante, brutalizado pelas relações sociais injustas e perversas - diante do poder arbitrário não revela apenas um caso particular e isolado, mas uma manifestação típica da realidade histórico-concreta brasileira. O indivíduo amedrontado e indefeso, sentindo-se acuado diante do Estado - qualquer "soldadinho" quando investido de autoridade, usa e abusa do poder, achando-se no direito de prender e bater, reprimir e oprimir.¹³

Não se pode, entretanto, ignorar as características do personagem Fabiano nesta obra. Os fragmentos abaixo selecionados guardam características desta personagem que representa a sociedade pobre brasileira em meados da década de 30.

O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

- Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

¹¹ BONFIM, Manoel. *O Brasil nação: realidade da soberania nacional*. 1996, p. 539

¹²SEGATTO, José Antonio & BALDAM, Ude. *Sociedade e Literatura no Brasil*. 1999, p. 201

¹³ Idem, p. 204

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. (p.19)

Fabiano, neste fragmento, mostra-se rude com o filho. O pai não considera e desrespeita os sentimentos e a atitude do filho o qual se sente rejeitado e oprimido, não vendo no pai uma pessoa que lhe apoiasse. O modo como Fabiano o obriga a prosseguir é decepcionante: além de xingá-lo, maltratá-lo, o narrador ainda utilizou a palavra pai para se referir a Fabiano. Isso, de certa forma, intensifica o aspecto de crueldade dele para com o filho.

Fabiano, acima de tudo, possui um estilo de vida insociável:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. (p. 19)

Evade-se para o meio de animais onde se sente seguro. Fabiano é incapaz de usar adequadamente a linguagem, de falar "palavras difíceis". Isso faz com que ele associe a linguagem ao mundo das pessoas letradas e dotadas para tal capacidade, tentando, dessa forma, imitá-los com a finalidade de atingir o nível intelectual das pessoas que admira. Porém, embora incompetente e sem capacidade para tal, Fabiano sente-se capaz de, um dia, igualar-se a essas pessoas. Assim,

dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencendo-se de que melhorava. Tálce. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo. (p. 22)

Em virtude dessa incapacidade, Fabiano era freqüentemente explorado:

Os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. (...) Todos lhe davam prejuízo. Os caixeiros, os comerciantes e os proprietários tiravam-lhe o couro, e os que não tinham negócio com ele iam vendendo o passar nas ruas, tropeçando. (p. 76)

Acerca do "menino mais novo", o narrador o vê como um ser hereditário dos caracteres do pai. O narrador assim o descreve:

"Ia crescer, espichar-se numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de couro cru". (p. 52)

O narrador, neste fragmento, não apresenta qualquer progresso em termos materiais. Ele destaca o crescimento acompanhado dos maus hábitos que o filho iria adquirir em virtude de seu pai. E, devido às condições econômicas não favoráveis, continuaria calçando sapatos de couro cru.

Outro elemento que deve ser analisado é em relação à linguagem. A carente linguagem da família acarreta a incapacidade do filho em expressar o que sente ou pensa. Observe a constatação a seguir:

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berridos dos animais, o barulho do vento, os sons dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. (p.59)

Tem-se que analisar este aspecto da linguagem numa perspectiva lingüística. Raposo explica que:

a fala das pessoas que rodeiam a criança e as suas experiências verbais são determinantes para iniciar o funcionamento do mecanismo de aquisição (...). Ou seja, sem estar imersa num ambiente lingüístico, uma criança não aprende a falar.¹⁴

Em outra passagem da obra, a presença da desarticulação da fala das personagens é nítida. A partir da leitura do fragmento abaixo selecionado, observa-se que não existe fala elaborada, o que constitui um motivo pelo qual a obra praticamente não apresenta composição de diálogos em que envolvam os personagens:

Deus não permitira que sucedesse tal desgraça.

—An!

A casa era forte.

—An! (p. 66)

As interjeições produzidas por Fabiano (An!) expõem a precariedade lingüística do mesmo. Isso constitui uma razão pelo qual o filho, conforme exposto anteriormente, não terá condições de adquirir a linguagem ou mesmo inibir o funcionamento do mecanismo de aquisição, conforme aponta Raposo.

¹⁴ RAPOSO, E. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. 1992, p. 36.

Para concluir, pode-se atribuir à personagem Fabiano um dos postulados de Lukács. Segundo este crítico, um personagem porta características consideradas exemplares dentro de um grupo social, tendo em vista a dinâmica das relações estabelecidas dentro da sociedade, coerentes ou contraditórias, num contexto histórico definido.¹⁵

5. Considerações finais

A leitura e a análise da obra *Vidas secas* permitiram avaliar a influência das condições climáticas da região nordestina brasileira na definição da personalidade do personagem principal da obra, Fabiano. Este personagem, bem como sua família, é vítima da seca na região nordestina brasileira e da brutalidade das relações sociais. O romance contribuiu ainda para uma avaliação do comportamento humano numa situação de extrema pressão, autoritarismo e rejeição.

Referências bibliográficas

- ABDALA JR. Benjamin. *O Romance Social Brasileiro*. São Paulo: Scipione, 1993.
- BOMFIM, Manoel. *O Brasil nação: realidade da soberania nacional*. 2.ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- LUKÁCS, Georgy. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- RAMOS, Gracliano. *Vidas Secas*. 56. ed. Rio, São Paulo: Record, 1986.
- RAPOSO, E. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.
- REUTER, Yves. *Introdução à análise do Romance*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SEGATTO, José Antônio et BALDAM, Ude. *Sociedade e Literatura no Brasil*. São Paulo: Unesp, 1999.
- VENANTE, Lenita & MELLO, Rosana de. *Texto e Contexto: língua e literatura*. São Paulo: Ed. do Brasil, 1987.